

CIES e-WORKING PAPER Nº 51/2008

**Quem estuda o quê em Portugal.
Uma análise da produção sociológica portuguesa
numa perspectiva de género.**

SANDRA MESTRE DA CUNHA

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Sandra Mestre da Cunha é licenciada em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, pós-graduada em Família e Sociedade e doutoranda do programa de doutoramento em Sociologia do ISCTE. Membro da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Sesimbra e dos corpos sociais da Bem Me Queres – Associação de Apoio à Adopção (www.bemmequeres.pt). Está a desenvolver trabalho na área da Protecção à Infância. Tem especial interesse nas áreas da família, género, infância, juventude, educação, etnicidade e exclusão social. E-mail: sandramdcunha@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa procura perceber se existem diferenças de género na produção sociológica portuguesa. Será que homens e mulheres se interessam pelas mesmas dimensões do social e elegem para objectos de investigação os mesmos temas e problemas sociológicos, ou poder-se-á falar de áreas de investigação sociológica tendencialmente de domínio feminino ou masculino?

Através da análise das participações femininas e masculinas nas comunicações dos cinco primeiros congressos de sociologia e dos campos temáticos de 359 teses de sociologia realizadas e reconhecidas por universidades portuguesas, pretende-se responder a estas questões, mas sobretudo trazer a debate a questão da diferenciação de género na produção sociológica portuguesa.

Palavras-chave: investigação sociológica, género, congressos de sociologia, teses de doutoramento.

Abstract

This research attempts to understand if there are gender related differences in the sociological work in Portugal. Are women and men interested in the same social dimensions and choose the same sociological themes and problems for investigation objects or are there areas preferentially chosen by men or women?

Through the analysis of the male and female communications presented on five national sociology congresses and of the thematic fields of 359 doctoral theses in sociology, realized and accepted by Portuguese Universities, I intend not only to answer these questions but mainly to bring the gender differentiation in Portuguese sociological work to the front stage.

Key-words: sociological investigation, gender, sociology congresses, doctoral theses.

Breve incursão pela história da sociologia portuguesa

Se a história da sociologia portuguesa é, em comparação com a de outros países, uma história relativamente jovem, não deixa, apesar disso, de dar mostras de uma invejável vitalidade e perseverança. Após um começo que parecia promissor com a integração da disciplina em contexto institucional, nomeadamente na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em 1901, a sociologia portuguesa vive um período conturbado durante as cinco décadas de regime ditatorial, em que é vista como produtora de ideias subversivas e contrárias à ideologia do Estado e encarada pelo aparelho repressor como uma real ameaça ao bom funcionamento da sociedade.

Diversos sociólogos tentam contudo, apesar do clima de repressão, inserir a sociologia nos programas curriculares de vários cursos superiores, e chega a formar-se em 1962 o Gabinete de Investigações Sociais (GIS) que, sob a direcção de Adérito Sedas Nunes, começa a publicar no ano seguinte a revista *Análise Social*. A sociologia começa discretamente a integrar os planos curriculares das faculdades de economia e em 1974, com a instauração da democracia, é finalmente criada uma licenciatura oficial em sociologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Regressam entretanto ao país diversos sociólogos formados e doutorados no estrangeiro que, em conjunto com intelectuais de diversas áreas que trabalhavam já, mais ou menos ocultamente, na defesa e recuperação da sociologia em Portugal, conduzem finalmente a sociologia portuguesa a um merecido processo de institucionalização, desenvolvimento e autonomização. A procura das licenciaturas em sociologia cresce e o mesmo acontece com os mestrados e doutoramentos, o que faz com que diversas universidades invistam na abertura de cursos de sociologia.

Numa fase de confiante progresso, a investigação sociológica atravessa as fronteiras das universidades e do mundo académico e insinua-se, cada vez mais, em diversas áreas do social, registando-se nos anos seguintes um crescente número de sociólogos a trabalharem em associações, empresas privadas e organismos estatais.

Sucedem-se também os centros de investigação e a publicação de revistas. Além da já referida *Análise Social*, e sem qualquer pretensão de exaustão, surge em 1978 a *Revista Crítica de Ciências Sociais*, da responsabilidade do Centro de Estudos Sociais em Coimbra, os *Cadernos de Ciências Sociais* da Universidade do Porto em 1984 e, dois anos depois, a revista *Sociologia, Problemas e Práticas*, do âmbito do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da

Empresa, em Lisboa.

Surgem ainda por esta altura diversas associações de sociólogos que promovem, entre outras actividades, a realização regular de encontros, seminários e congressos. Refira-se a criação em 1985 da Associação Portuguesa de Sociologia (APS) e da Associação Portuguesa dos Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho (APSIOT), e um ano depois a constituição da Associação Profissional dos Sociólogos Portugueses (APSP), entretanto extinta.

A sociologia parece actualmente ter ganho o seu lugar na produção científica portuguesa e os sociólogos constituem agora um grupo profissional de referência.

1. Questões, objectivos e procedimentos de análise

Se por altura da sua primeira infância parecia haver mais homens empenhados no estudo do social – resultado do contexto social e cultural da época, que definia papéis sociais sexualmente diferenciados e que (ainda) remetia as mulheres para a esfera da vida privada e familiar – rapidamente essa realidade se modificou e inverteu. São hoje sobejamente conhecidos os dados que dão conta da superioridade numérica das mulheres na frequência do ensino superior, assim como os que revelam a feminização dos cursos de ciências sociais e, entre eles, os de sociologia.

Mas o que dizer da diferenciação de género na produção sociológica portuguesa? Será que homens e mulheres se interessam pelas mesmas dimensões do social e elegem para objectos de investigação os mesmos temas e problemas sociológicos, ou poderá falar-se da feminização de determinadas áreas de investigação sociológica? Estas foram as questões que orientaram a presente análise, numa tentativa de contribuir para o conhecimento e esclarecimento destes fenómenos, mas principalmente para trazer a debate a diferenciação de género na produção sociológica portuguesa.

A curiosidade por esta questão foi suscitada pelo programa da cadeira de Investigação Sociológica em Portugal do 1º ano¹ do curso doutoral em sociologia do ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. O autor, Fernando Luís Machado, agregou neste documento algumas das mais importantes referências bibliográficas da sociologia portuguesa desde o seu nascimento até à actualidade. Uma

¹ Ano lectivo 2007/2008.

primeira incursão pelo programa permitiu de imediato perceber que determinados campos temáticos agrupavam maioritariamente referências masculinas, enquanto que outros apresentavam sobretudo referências femininas.

Para confirmar e consolidar as primeiras descobertas, foram analisadas, em termos de género e campo temático, as comunicações apresentadas nos cinco congressos nacionais de sociologia, num total de 1.172 comunicações, através da consulta às actas dos congressos, da responsabilidade da Associação Portuguesa de Sociologia. O mesmo trabalho foi efectuado a 359 teses de doutoramento em sociologia, realizadas ou reconhecidas por universidades portuguesas, entre 1974 e 2006.

2. O género enquanto variável de referência na investigação sociológica

Apesar de não ter problematizado de imediato a questão em termos de género, pode dizer-se que foi com a produção feminista dos anos 70 que a preocupação com estas questões surgiu nas ciências sociais. Num primeiro momento a investigação nesta área preocupou-se principalmente em dar visibilidade às mulheres na história da ciência, ocupando-se depois dos efeitos de género na integração das mulheres na actividade e na produção científicas.

A introdução do conceito de género nas análises sociais permitiu que se distinguíssem as diferenças (biológicas) de sexo das diferenças (sociais) de género, ou seja, as que decorrem de condições históricas e sociais de produção de crenças e valores sobre os lugares, papéis e funções dos sexos. Conforme João Ferreira de Almeida as define, as diferenças de género referem-se “às dimensões psicológicas, sociais e culturais que distinguem, de forma variável, o masculino do feminino”.²

Surgem diversos estudos que procuram fundamentar a explicação da segregação das mulheres na ciência, que começa cada vez menos a passar por diferenças de capacidades ou competências intrínsecas ao sexo, mas sim por factores particulares da vida familiar e pessoal das mulheres, que desfavorecem uma progressão na carreira semelhante à dos homens. Harriet Zuckerman, por exemplo, revela num estudo de 1991 que as mulheres são menos produtivas do que os homens, mas mostra também “que para indivíduos da mesma área disciplinar, mesmo ano de doutoramento e

² João Ferreira de Almeida (org.) (1995), *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Universidade Aberta, p. 154.

mesma instituição, as maiores diferenças entre os sexos se verificam numa idade avançada da carreira e não entre os jovens”.³ É também esta autora, juntamente com Cole, que salienta o (aparente) paradoxo que revela serem as mulheres casadas e com filhos as que mais publicam – o receio da perda de reconhecimento decorrente do seu estatuto familiar conduz a uma cuidadosa e eficiente gestão do tempo e a um investimento acrescido na esfera profissional.

Comparativamente a outros países em que a introdução das questões de género nos estudos do social decorreu, em parte, dos movimentos feministas dos anos 70, em Portugal esta preocupação é relativamente recente, tendo-se mantido em estado de latência até à década de 80. É principalmente a partir da década de 90, segundo Lúcia Amâncio,⁴ que os investigadores sociais portugueses se começam a debruçar sobre estas questões e o estudo das diferenças de género passa a marcar os trabalhos académicos de diversas disciplinas, como a psicologia social, a sociologia ou a antropologia, entre outras. Actualmente, a concepção do género enquanto estrutura social ou relação socialmente construída e não apenas enquanto mero atributo dos indivíduos propõe uma teoria que estende a análise do género a todas as instâncias da organização social.⁵

Com efeito, enquanto conceito social e culturalmente construído de diferenciação entre o masculino e o feminino, o género tem sido cada vez mais uma variável de destaque em inúmeras investigações e reflexões teóricas nas mais diversas áreas e temáticas científicas, acabando por ter também o mérito de despertar a sociedade para a questão das desigualdades sociais de género, baseadas, e muitas vezes “legitimadas”, nas e pelas meras diferenças entre sexos. As questões do trabalho e profissão, do espaço familiar ou valores e atitudes sociais constituem, por exemplo, entre outros, cenários de excelência para a análise e compreensão das desigualdades de género que subsistem nas nossas sociedades.

Se é certo que a revolução de papéis de género das últimas décadas forneceu condições excepcionais para o esbatimento dessas desigualdades, não se pode, ainda assim, desconsiderar que a assimetria simbólica decorrente das noções de masculino e feminino “se repercute no maior condicionamento das oportunidades das mulheres em todos os (diversos) contextos que exigem atributos e competências que não são próprios

³ Lúcia Amâncio (1995), “O género na ciência”, em Jorge Correia Jesuino (org.), *A Comunidade Científica Portuguesa nos Finais do Século XX – Comportamentos, Atitudes e Expectativas*, Oeiras, Celta Editora, p. 138.

⁴ Lúcia Amâncio (2003), “O género no discurso das ciências sociais”, em *Análise Social*, vol. XXXVIII, nº 168, pp. 698-714.

⁵ Lúcia Amâncio (2003), *op. cit.*, p. 700.

da ‘natureza feminina’”⁶, e que as mulheres continuam, consequentemente, a viver, nas sociedades ocidentais, de forma paradoxalmente diferente e desigual dos homens. Ganham menos do que eles, não chegam, habitualmente, aos lugares de chefia, estão sub-representadas nos cargos políticos de topo e, no que se refere à conciliação trabalho-família, os dados apurados em diversas pesquisas indicam que são elas que acumulam com o trabalho remunerado as responsabilidades com os filhos e a execução da maior parte das tarefas domésticas. Perante esta realidade não é difícil perceber que as mulheres terão menor disponibilidade do que os homens para outras actividades, nomeadamente para a actividade política. A conjugação destas condições objectivas de vida e da existência de obstáculos ligados ao próprio funcionamento das instituições políticas, que se coadunam mal com as responsabilidades familiares das mulheres, contribuem decisivamente para o seu afastamento das posições de poder e decisão, o que acaba, por sua vez, por contribuir para a manutenção e persistência da dominação masculina.

Todas estas especificidades que envolvem a mulher na sociedade portuguesa suscitam a consideração de que as investigadoras portuguesas, por maior proximidade social e identificação cultural, poderão revelar nos seus trabalhos teóricos e investigações científicas um interesse acrescido por temáticas desta ordem, como sejam: a política, o trabalho e a família, ou mesmo a educação, onde as mulheres, no que respeita à participação no ensino superior, ocupam agora uma maioria confortável.

Também no que se refere às carreiras académicas, a posição das mulheres é ainda desfavorável no plano das promoções, da representatividade em lugares de topo e nos salários. As diversas áreas científicas apresentam também concentrações diferentes de homens e mulheres. Lígia Amâncio verificou, por exemplo, no seio da comunidade científica portuguesa, que as mulheres se concentram sobretudo nas ciências exactas e sociais e os homens nas engenharias. Contudo, as ciências exactas são as que agregam menor número de mulheres responsáveis por instituições de investigação.⁷ Um dado interessante mostra que “as ciências sociais são a única área em que não se verificam diferenças nas distribuições dos dois sexos, o que revela uma distribuição paritária para o desenvolvimento desta área”.⁸ No que respeita à produção científica por género, a autora revela que os homens são mais produtivos, quer se fale de publicações de livros

⁶ Lígia Amâncio (1995), *op. cit.*, p. 136.

⁷ Lígia Amâncio (1995), *op. cit.*, p. 153.

⁸ Lígia Amâncio (1995), *op. cit.*, p. 141.

ou artigos em revistas especializadas, quer se fale de comunicações e participações em congressos. Lígia Amâncio conclui, no seu estudo, por uma efectiva discriminação das mulheres na ciência, salientando que, independentemente de serem doutoradas ou não, a integração das mulheres em equipas de investigação é sempre menor que a dos homens.

3. A ascensão das mulheres na sociologia portuguesa

Com a constituição da Associação Portuguesa de Sociologia e da Associação Portuguesa dos Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho, sucede a realização de encontros nacionais, seminários e congressos.

Os congressos de sociologia são, sem dúvida, espaços privilegiados de compilação e difusão da investigação praticada e dos interesses e campos emergentes na pesquisa sociológica. Reflectem uma crescente consolidação da sociologia enquanto saber científico e dos sociólogos enquanto grupo profissional, mas caracterizam-se também pela adopção de uma dinâmica cada vez mais interdisciplinar e internacional. O aumento contínuo do número de comunicações e, em consonância, de autores, tal como a crescente participação de investigadores estrangeiros inseridos em equipas, projectos e redes de investigação, demonstra inequivocamente a importância e reconhecimento que a sociologia portuguesa tem vindo a alcançar, nacional e internacionalmente, na sociedade e no meio científico. A intrínseca capacidade auto-reflexiva da sociologia atinge o seu expoente máximo nestas reuniões, onde se prestam contas dos trabalhos desenvolvidos, dos resultados apurados, onde se actualizam informações, se trocam experiências, ideias, teorias e conceitos. Os congressos constituem assim excelentes patrimónios do saber sociológico ou, nas palavras de João Ferreira de Almeida, “memórias colectivas”⁹ de inigualável valor.

Contando já no currículo com cinco congressos nacionais (1988, 1992, 1996, 2000 e 2004), a sociologia portuguesa tem vindo, apesar da sua relativa juventude, a demonstrar uma impressionante capacidade de dinamismo, inovação e imaginação. Os diversificados conteúdos das comunicações apresentadas são disso o melhor exemplo.

Ao longo dos cinco congressos tem-se ainda assistido não só a um aumento do número de comunicações e das temáticas discutidas, mas também a um impressionante

⁹ Almeida, João Ferreira de (1988), "Discurso de Abertura do 1.º Congresso Português de Sociologia", *Análise Social*, XXIV (100), pp. 467.

aumento da participação das mulheres, facto aliás já assinalado por Cristina Lobo na análise que fez à produção sociológica dos três primeiros congressos de sociologia. Segundo a autora, se a participação feminina se mantinha sempre abaixo da dos homens no I e II Congressos, essa realidade altera-se no III Congresso, onde a participação feminina atinge “mais de metade do total dos autores das comunicações”.¹⁰

Esta tendência continua a acentuar-se nos dois congressos seguintes. Como se pode ver no quadro abaixo, o número de participações das mulheres nas comunicações apresentadas passa então de pouco mais de metade no III Congresso (53,6%) para praticamente dois terços no V Congresso (65,7%).

Quadro 1. Participações por género nos congressos de sociologia

Congressos	1º		2º		3º		4º		5º	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Participações de homens	55	61,8	86	54,4	96	46,4	88	35,8	162	34,3
Participações de mulheres	34	38,2	72	45,6	111	53,6	158	64,2	310	65,7
Total de participações	89	100,0	158	100,0	207	100,0	246	100,0	472	100,0

Também os dados da APS relativamente aos seus associados, apesar de não constituírem nem o universo nem uma amostra controlada dos sociólogos em Portugal, indicam a mesma tendência de crescente existência e participação de mulheres na sociologia portuguesa. O gráfico disponibilizado no *site* da associação¹¹ mostra claramente um crescente processo de feminização dos seus membros desde a sua constituição até 2004. Se até 1988 a proporção de associados masculinos era ligeiramente superior à das mulheres, a partir dessa altura a tendência inverte-se e as mulheres atingem a proporção de 68% dos associados da APS. Esta realidade não pode, evidentemente, ser dissociada do contexto global de crescente escolarização das mulheres e da participação feminina nas universidades, que é actualmente superior à dos homens, não apenas a nível nacional mas também na maioria dos países europeus. Segundo dados apurados no European Social Survey, na maior parte dos países analisados as mulheres mais jovens suplantam actualmente os homens quanto aos níveis

¹⁰ Cristina Lobo (1996), “Os Congressos de Sociologia em Portugal”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 20.

¹¹ Ver “Sociografia dos membros associados da Associação Portuguesa de Sociologia”, em: <http://www.aps.pt/index.php?area=001&marea=001&sarea=004>

de escolaridade atingida.

A título de curiosidade e segundo os dados estatísticos do Observatório da Ciência e do Ensino Superior (OCES),¹² pode referir-se que, apesar de a proporção de mulheres doutoradas¹³ em Portugal (41%) ser ainda inferior à dos homens (49%), no ano de 2006 as mulheres representaram 52% do total de doutorados nacionais. No domínio da sociologia, a mesma fonte informa-nos que os doutoramentos das mulheres (44%) são ainda inferiores aos dos homens (56%), mas o passar dos anos tem-nos mostrado que essa diferença tem vindo gradualmente a diminuir.

4. Pistas preliminares – programa da cadeira de Investigação Sociológica¹⁴

O catalisador desta análise – programa da cadeira em Investigação Sociológica em Portugal do ano lectivo 2007-2008 do curso doutoral em sociologia do ISCTE – apresenta mais de 400 títulos distribuídos por diversos domínios da investigação sociológica. Fernando Luís Machado procurou agrupar algumas das referências mais importantes do trabalho sociológico nacional desde o seu início até à actualidade, seleccionando títulos (livros, capítulos de livros, artigos de revistas científicas e teses de doutoramento) que podem considerar-se de referência em cada um dos domínios de investigação sociológica mencionados”.¹⁵ Uma análise sumária ao referido programa permite desde logo perceber que determinados campos temáticos agrupam maioritariamente referências femininas, enquanto que outros temas suscitam preferencialmente a referência a autores masculinos.

Lígia Amâncio, no estudo já referido, apurou que as mulheres parecem preferir “investigar em profundidade áreas delimitadas [...] e os homens preferem planear cuidadosamente as linhas gerais de novas áreas, deixando o estudo mais pormenorizado para outros”.¹⁶

A segunda constatação a reter é a de que alguns domínios temáticos apresentam,

¹² Estatísticas do GPEARI – Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais, disponível em http://www.estatisticas.gpeari.mctes.pt/?id_categoria=21&id_item=203335&pasta=158

¹³ Na totalidade das áreas científicas.

¹⁴ Unidade curricular do 1º ano do curso de doutoramento em sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, da autoria de Fernando Luís Machado.

¹⁵ Fernando Luís Machado, *Programa do ano lectivo 2007/2008, da cadeira em “Investigação Sociológica em Portugal”*, do programa de doutoramento em sociologia, ISCTE, Lisboa.

¹⁶ Lígia Amâncio (1995), *op. cit.*, p. 153.

comparativamente a outros, um volume bastante superior de referências bibliográficas, indicador de que existirá um maior trabalho efectuado nessas matérias. É o caso dos trabalhos sobre *juventude* (62 referências), *trabalho, organizações e profissões* (57) e *família e género* (45).

O quadro seguinte engloba todas as referências, individuais e de grupo, presentes no programa em análise. Sempre que os títulos bibliográficos incluíam vários autores, cada um foi contabilizado individualmente. Pode-se confirmar que com o decorrer dos anos aumentam as referências a trabalhos de autoria feminina, a que se associa o surgimento de novas temáticas de análise na investigação sociológica. De facto, se algumas temáticas têm merecido a atenção dos investigadores portugueses desde o início da actividade sociológica nacional – as chamadas sociologias clássicas –, outras há que se afirmam com uma certa consolidação e desenvolvimento da disciplina, mais concretamente na década de 80. Trata-se, por exemplo, dos estudos sobre: *cidade e território*; *política e Estado*; *culturas, família e género*; *exclusão social e pobreza*; e ainda *comunicação e média*. Quase na passagem para a década de 90 podem-se referir as pesquisas sobre: *saúde*; *ciência*; *imigração e etnicidade*; e ainda *valores*. Na segunda metade da década de 90 começam a ganhar relevo as chamadas sociologias emergentes, como os estudos sobre: *ambiente*; *literacia*; *drogas e toxicodependência*; e ainda as que, não estando mencionadas no programa, não deixam de povoar e enriquecer a produção sociológica nacional – *sociologia do corpo e sexualidade*; *desporto*; *arte*; *direito e criminalidades*; *inovação*, entre outras.

**Quadro 2. Referências a trabalhos de pesquisa sociológica,
por género, campo temático e período**

Campos temáticos	Períodos		1963-1974		1975-1986		1987-1996		1997-2006		Total
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Campo da inv. sociológica e suas transformações	1		2		14	2	9	6			34
Questões epistemológicas e teórico-metodológicas	1		7		4		2				14
Estrutura e mudança social	1				6		8	2			17
Classes sociais	3		1		8	2	21	5			40
Juventude	2	1			15	5	35	26			84
Educação			8	6	4	6	14	9			47
Trabalho, organizações e profissões			11	6	22	11	23	21			94
Cidade e território			5	1	11	7	25	23			72
Política e Estado			3	1	12	5	30	3			54
Culturas populares, rurais e urbanas			4	1	3		3	3			14
Culturas cultas, públicos e políticas culturais					5	7	28	31			71
Família e género				3	1	15	17	52			88
Exclusão social e pobreza			2	2	8	12	13	17			54
Comunicação e média					11		11	12			34
Valores					8	1	7	3			19
Saúde					1	5	5	12			23
Ciência					8	9	9	21			47
Imigração e etnicidade					11	7	20	21			59
Ambiente					1	2	13	9			25
Drogas e toxicodependência					1		11	6			18
Literacia					4	2	3	6			15
Total	8	1	43	20	158	98	307	288			923

A principal informação a reter prende-se, de facto, com a evidente relação entre o surgimento de novas temáticas de investigação e o crescimento da actividade sociológica feminina. Pode-se verificar que nos dois primeiros períodos analisados apenas alguns campos temáticos assumem referências a trabalhos femininos e que estas são sempre em número inferior às referências masculinas. Mas a partir da década de 90

as colunas relativas às mulheres povoam-se de referências em praticamente todos os domínios temáticos considerados. No último período, o número de referências a trabalhos femininos aproxima-se do número de trabalhos masculinos e começam a evidenciar-se diferenças curiosas relativamente à eleição dos objectos ou áreas de estudo por parte dos investigadores e investigadoras da sociologia portuguesa.

Quadro 3. Referências a trabalhos de pesquisa sociológica por género e campo temático

Campos de investigação	Nº trabalhos femininos referidos	%	Nº trabalhos masculinos referidos	%	Total
Campo da inv. sociológica e suas transformações	8	23,50	26	76,50	34
Questões epistemológicas e teórico-metodológicas	0	0,00	14	100,00	14
Estrutura e mudança social	2	11,80	15	88,20	17
Classes sociais	7	17,50	33	82,50	40
Juventude	32	38,10	52	61,90	84
Educação	20	42,60	27	57,40	47
Trabalho, organizações e profissões	38	40,40	56	59,60	94
Cidade e território	31	43,00	41	57,00	72
Política e Estado	9	16,70	45	83,30	54
Culturas I – populares rurais e urbanas	4	28,60	10	71,40	14
Culturas II – cultas, públicos e políticas culturais	38	53,50	33	46,50	71
Família e género	70	79,50	18	20,50	88
Exclusão social e pobreza	31	57,40	23	42,60	54
Comunicação e média	12	35,30	22	64,70	34
Valores	4	21,00	15	79,00	19
Saúde	17	73,90	6	26,10	23
Ciência	30	63,80	17	36,20	47
Imigração e etnicidade	28	47,50	31	52,50	59
Ambiente	11	44,00	14	56,00	25
Drogas e toxicodependência	6	33,30	12	66,70	18
Literacia	8	53,30	7	46,70	15
Total	406	44,00	517	56,00	923

Com efeito, o quadro acima, relativo aos totais de referências bibliográficas por género e domínio temático, mostra-nos uma emergente demarcação de género na escolha das áreas de trabalho da sociologia – se umas agregam sobretudo referências masculinas, outras acumulam as preferências femininas. Ainda que alguns domínios temáticos mereçam uma atenção partilhada por homens e mulheres, o mesmo não acontece, por exemplo, com *família e género* onde, do total de referências a autores, 79,50% são referências femininas. Também na área da *saúde*, as autoras agrupam mais de dois terços das referências (73,90%). As áreas da *ciência*, *exclusão social e pobreza*, *culturas II* e *literacia* são também domínios com maior presença feminina. Pelo contrário, os homens surgem maioritariamente em áreas que trabalham as questões da *estrutura e mudança social* (88,20%), *política e Estado* (83,30%), *classes sociais* (82,50%) ou *valores* (79%).

Foram estes os dados que, ao sugerirem a existência de uma diferenciação entre sociólogos e sociólogas na eleição dos objectos e temas sociológicos de investigação, me despertaram a curiosidade e impeliram a analisar esta questão de forma mais aprofundada.

Num artigo que procura compreender o lugar das mulheres enquanto sujeitos e objectos da produção sociológica através da análise às publicações da revista *Análise Social* entre 1963 e Dezembro de 1985, Ana Nunes de Almeida não encontra “relação directa entre a investigação feita por mulheres e a presença de objectos pertencentes aos chamados universos femininos”.¹⁷ Conclui ainda que os temas publicados na revista indicam que as mulheres escreveram sobre os mesmos temas que os homens. Ora, a discrepância entre os resultados encontrados por Ana Nunes de Almeida e os que se apresentam neste artigo resulta, certamente em parte, de terem sido analisados diferentes períodos da investigação sociológica portuguesa. De facto, até meados da década de 80 também na presente análise não se detectam diferenças de género significativas na escolha dos temas de investigação. Somente a partir dessa altura, com o surgimento de novos problemas sociológicos e novas temáticas, se começam a evidenciar diferenças nos interesses sociológicos entre homens e mulheres.

¹⁷ Ana Nunes de Almeida (1986), “As mulheres e as ciências sociais – os sujeitos e os objectos de investigação”, em *Análise Social*, vol. XXII, nº 94, p. 980.

5. A análise de género nos congressos de sociologia

Para além da já referida evolução no crescimento da participação feminina nos cinco congressos de Sociologia, a análise dos títulos, campos temáticos e género dos autores das comunicações presentes nas actas dos congressos permite realizar leituras mais aprofundadas.

Devo clarificar nesta altura que a análise efectuada contabilizou não o número de comunicações ou de congressistas, mas sim o número de *participações* masculinas e femininas por comunicação, pelo que alguns dos valores apresentados poderão mostrar-se diferentes dos apurados por Cristina Lobo no artigo anteriormente referido. Mais especificamente, as comunicações de autoria singular foram contabilizadas apenas uma vez – uma participação masculina ou feminina – enquanto que nas comunicações de autoria plural foram contabilizados individualmente todos os autores, masculinos e femininos. Assim, um mesmo autor pode ter sido contabilizado várias vezes, se porventura tenha apresentado só ou em co-autoria várias comunicações num mesmo congresso. Mais do que o número de homens ou mulheres participantes nos congressos, interessa a esta análise o que cada um, numa perspectiva transversal de género, mais estuda e produz no domínio sociológico.

Os quadros dos dois primeiros congressos de sociologia, realizados em 1988 e 1992, respectivamente, mostram-nos a esperada supremacia dos homens em praticamente todos os grupos temáticos dos eventos. Apesar de se encontrar no I Congresso uma predominância, em volume de participações, de certos campos temáticos, como a *sociologia da informação, do conhecimento e da cultura*, a *sociologia industrial, das organizações e do trabalho*, a *sociologia da família* e a *sociologia das questões rurais e urbanas*, não se verificam diferenças significativas entre homens e mulheres na escolha dos temas tratados. Pode-se ver, por exemplo, no quadro 4, que a *sociologia da família* apresenta exactamente o mesmo número de participações femininas e masculinas. A *sociologia da informação, do conhecimento e da cultura* também não evidencia, à primeira vista, qualquer diferença, já que este campo conta com 10 participações femininas e 11 masculinas. No entanto, considerando que os totais de congressistas femininos e masculinos são diferentes, importa aqui apurar o peso que as suas participações significam em cada campo temático. Deste modo, uma leitura vertical da tabela mostra-nos uma percentagem ligeiramente superior de participações femininas na área temática da *família* (20,6% para 12,7% de

participações masculinas) e da *sociologia da informação, do conhecimento e da cultura* (29,4% para 20,0% de participações masculinas), e ainda uma menor participação das mulheres na *sociologia das questões rurais e urbanas* (5,9% de participações femininas para 16,4% de participações masculinas) e, com uma variação menor, na *sociologia política* (14,7% no feminino para 18,2% no masculino).

Quadro 4. Participações por género e campo temático no I Congresso de Sociologia (1988)

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Condições de exercício e perspectivas profissionais da sociologia em Portugal	4	7,3%	0	0,0%	4	4,5%
Sociologia da educação	3	5,5%	2	5,9%	5	5,6%
Sociologia da família	7	12,7%	7	20,6%	14	15,7%
Sociologia industrial, das organizações e do trabalho	11	20,0%	8	23,5%	19	21,3%
Sociologia da informação, do conhecimento e da cultura	11	20,0%	10	29,4%	21	23,6%
Sociologia das questões rurais e urbanas	9	16,4%	2	5,9%	11	12,4%
Sociologia política	10	18,2%	5	14,7%	15	16,9%
Total	55	100,0%	34	100,0%	89	100,0%

Do quadro referente ao II Congresso de Sociologia podem retirar-se praticamente as mesmas conclusões: maior participação masculina no congresso e pequenas variações no número de participações masculinas e femininas nos diversos campos temáticos, com excepção das áreas já referidas para o I Congresso – na área da *família*, por exemplo, 9,7% do total das mulheres participaram em comunicações, contra apenas 2,3% do total de homens.

Outro dado importante tem a ver com o facto de não existirem participações femininas nas sessões plenárias de ambos os congressos (*Condições de exercício e perspectivas profissionais* no I Congresso e *Práticas, desenvolvimento e deontologia da sociologia* no II Congresso). A ausência das mulheres em sessões de introdução, que beneficiam habitualmente de uma maior assistência e até, de certa forma, de um prestígio acrescido, deixa lugar aberto à suposição de que na sua base poderão estar efectivas situações de discriminação e desigualdade de género. Suposição que não cabe no âmbito deste estudo averiguar mas para a qual se deixa aqui o alerta.

**Quadro 5. Participações por género e campo temático no
II Congresso de Sociologia (1992)**

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Sociologia – prática, modernidades, desenvolvimento e deontologia	9	10,5%	0	0,0%	9	5,7%
Internacionalização das trocas, mediatização das sociedades. Novas formas discursivas	6	7,0%	2	2,8%	8	5,1%
Educação e trabalho: contradições e alternativas organizacionais	17	19,8%	15	20,8%	32	20,3%
Estado e sociedade: instituições, políticas e práticas	5	5,8%	2	2,8%	7	4,4%
Recomposição socioespacial e dinâmicas regionais e locais	11	12,8%	10	13,9%	21	13,3%
A dinâmica dos saberes: ciência, tecnologia e outras formas culturais	5	5,8%	9	12,5%	14	8,9%
Mudança social: novos valores, modos de vida, identidades	14	16,3%	14	19,4%	28	17,7%
Teorias, metodologias, epistemologias	10	11,6%	5	6,9%	15	9,5%
Políticas, cidadania e exclusão social	7	8,1%	8	11,1%	15	9,5%
Família e parentesco	2	2,3%	7	9,7%	9	5,7%
Total	86	100,0%	72	100,0%	158	100,0%

No III Congresso começam a verificar-se algumas diferenças de género mais consistentes. A diferença encontrada entre as participações feminina e masculina na área da *família* nos dois primeiros congressos acentua-se fortemente neste terceiro momento, que reúne 18% do total de mulheres a participarem em comunicações sobre a *família* e apenas 4,2% do total de homens.

Outro resultado importante a retirar desta tabela é o de que pela primeira vez as mulheres suplantam os homens em número nas participações em comunicações. Contabilizam-se 96 participações masculinas e 111 femininas.

**Quadro 6. Participações por género e campo temático no
III Congresso de Sociologia (1996)**

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Olhares sobre a mudança social: divergências e convergências entre as ciências sociais	3	3,1%	1	0,9%	4	1,9%
Sociólogos: profissionais da mudança social?	2	2,1%	1	0,9%	3	1,4%
As práticas sociais face ao poder dos média	3	3,1%	0	0,0%	3	1,4%
Estado, poderes e sociedade	14	14,6%	16	14,4%	30	14,5%
Estruturas produtivas, trabalho e profissões	19	19,8%	17	15,3%	36	17,4%
Educação e desenvolvimento	7	7,3%	14	12,6%	21	10,1%
Território, ambiente e dinâmicas regionais e locais	17	17,7%	25	22,5%	42	20,3%
Cultura, comunicação e transformação dos saberes	19	19,8%	14	12,6%	33	15,9%
Família, género e afectos	4	4,2%	20	18,0%	24	11,6%
Teorias, modelos e metodologias	8	8,3%	3	2,7%	11	5,3%
Total	96	100,0%	111	100,0%	207	100,0%

Nos dois últimos congressos a participação feminina continua a crescer, ultrapassando confortavelmente a masculina, e as diferenças de género que se deixavam já adivinhar nos congressos anteriores reforçam-se com surpreendente facilidade. Efectivamente, a leitura do quadro 7, relativo ao IV Congresso, mostra que 20,3% das participações femininas incidiram na área da *família, género e trajectos de vida*, contra apenas 11,4% das participações masculinas. A área das *identidades, etnicidades e marginalidades* parece também atrair preferencialmente as mulheres, já que agrega 12% das suas participações e apenas 4,5% das participações masculinas.

Em relação às áreas de *Estado, governabilidade e políticas sociais, cidadania, desigualdades e conflito social*, e ainda *urbanidades, ruralidades e dinâmicas socioespaciais*, verifica-se a tendência inversa, já que os homens apresentam aqui uma vantagem confortável em relação às suas colegas. Na primeira área, encontram-se 17% de participações masculinas para 5,1% de participações femininas, na segunda a proporção é de 10,2% para 5,7%, e na terceira de 15,9% para 10,1%.

**Quadro 7. Participações por género e campo temático no
IV Congresso de Sociologia (2000)**

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Teorias, metodologias e experiências profissionais	2	2,3%	3	1,9%	5	2,0%
Estado, governabilidade e políticas sociais	15	17,0%	8	5,1%	23	9,3%
Cidadania, desigualdades e conflito social	9	10,2%	9	5,7%	18	7,3%
Identidades, etnicidades e marginalidades	4	4,5%	19	12,0%	23	9,3%
Mudança tecnológica, trabalho e produção	11	12,5%	21	13,3%	32	13,0%
Reorganização dos saberes, ciência e educação	10	11,4%	25	15,8%	35	14,2%
Urbanidades, ruralidades e dinâmicas socioespaciais	14	15,9%	16	10,1%	30	12,2%
Práticas culturais e comunicação	8	9,1%	12	7,6%	20	8,1%
Família, género e trajectos de vida	10	11,4%	32	20,3%	42	17,1%
Valores, práticas e expressões identitárias	5	5,7%	13	8,2%	18	7,3%
Total	88	100,0%	158	100,0%	246	100,0%

O V Congresso oferece um panorama radicalmente diferente dos anteriores, seja pelo número de comunicações e consequentemente de participantes, que cresceu exponencialmente, seja pelo facto de as participações femininas se revelarem praticamente o dobro das participações masculinas. Contabilizam-se 310 participações femininas para apenas 162 masculinas.

Para além da impressionante adesão ao congresso, há ainda a assinalar que foi organizado com recurso a um maior e mais diversificado leque de campos temáticos. Enquanto que os congressos anteriores eram habitualmente organizados em torno de dez áreas temáticas, este último congresso ofereceu aos seus participantes 25 áreas temáticas. Foram, por um lado, redefinidas e segmentadas algumas áreas antes mais abrangentes, por outro, foram incluídas no programa do congresso áreas de investigação mais recentes e áreas das chamadas sociologias emergentes, como sejam: *ambiente, corpo e sexualidade; desporto e lazer; direito, crime e dependências; modernidade, incerteza e risco; população, gerações e ciclos de vida; quotidiano, crenças e religiosidade; saúde*, entre outras.

**Quadro 8. Participações por género e campo temático no
V Congresso de Sociologia (2004)**

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Ambiente	9	5,6%	8	2,6%	17	3,6%
Artes e culturas	3	1,9%	13	4,2%	16	3,4%
Cidadania e políticas	8	4,9%	13	4,2%	21	4,4%
Cidades, campos e territórios	18	11,1%	23	7,4%	41	8,7%
Ciência e conhecimento	9	5,6%	9	2,9%	18	3,8%
Classes, movimentos e lutas sociais	7	4,3%	10	3,2%	17	3,6%
Comunicação	5	3,1%	7	2,3%	12	2,5%
Contextos organizacionais e organizações	10	6,2%	8	2,6%	18	3,8%
Corpo e sexualidade	2	1,2%	8	2,6%	10	2,1%
Desenvolvimento, parceria social e metodologias de intervenção	4	2,5%	6	1,9%	10	2,1%
Desporto e lazer	2	1,2%	6	1,9%	8	1,7%
Direito, crime e dependências	6	3,7%	9	2,9%	15	3,2%
Educação e aprendizagens	13	8,0%	18	5,8%	31	6,6%
Exclusões	5	3,1%	7	2,3%	12	2,5%
Experiências profissionais	0	0,0%	12	3,9%	12	2,5%
Família	8	4,9%	23	7,4%	31	6,6%
Género	6	3,7%	17	5,5%	23	4,9%
Identidades e estilos de vida	3	1,9%	10	3,2%	13	2,8%
Mercados, emprego e trabalho	11	6,8%	12	3,9%	23	4,9%
Migrações, etnicidade e cidadania	10	6,2%	20	6,5%	30	6,4%
Modernidade, incerteza e risco	2	1,2%	6	1,9%	8	1,7%
População, gerações e ciclos de vida	2	1,2%	18	5,8%	20	4,2%
Quotidiano, crenças e religiosidade	3	1,9%	2	0,6%	5	1,1%
Saúde	7	4,3%	32	10,3%	39	8,3%
Teorias e metodologias de investigação	9	5,6%	13	4,2%	22	4,7%
Total	162	100,0%	310	100,0%	472	100,0%

Com uma profusão temática tão extensa e diversificada é natural que a proporção de participações em termos de género diminua em cada área temática, o que não significa contudo que as diferenças de género anteriormente encontradas se tenham esbatido.

Apesar de a diferença ser agora menos expressiva, podemos verificar que a *sociologia da família* continua ainda assim a agregar maior participação feminina (7,4%) do que masculina (4,9%). O mesmo se passa com a área temática de *população, gerações e ciclos de vida*, com uma participação feminina de 5,8% e masculina de

apenas 1,2%, e com o *género*, que conta com 5,5% de participações femininas para 3,7% de participações masculinas. Se agruparmos estas três áreas à semelhança do que acontecia nos congressos anteriores, as mulheres atingem uma proporção de 18,7% do total de participações femininas e os homens cerca de metade, 9,8%. Uma das novas áreas da sociologia presentes neste congresso, a *sociologia da saúde*, parece ter também suscitado maior interesse por parte das mulheres, já que se agrupam 10,3% de participações femininas e somente 4,3% de participações masculinas.

Mesmo considerando que neste tipo de encontros muitas participações resultam de parcerias em estudos e redes de investigação e de, consequentemente, as participações em determinadas áreas temáticas não reflectirem necessariamente uma escolha individual baseada nas preferências pessoais de cada investigador, os resultados parecem ainda assim indicar a existência, na produção sociológica nacional, de uma efectiva diferenciação de géneros na eleição das áreas temáticas de análise. As sociólogas parecem ter realizado mais trabalho no campo da *família*, assim como na área da *saúde* e menos, por exemplo, na área da *política* ou nas relacionadas com os *contextos organizacionais e organizações*.

6. A análise de género na selecção dos temas de doutoramento

Mas precisamente porque as comunicações dos congressos resultam muitas vezes de trabalhos de equipa e porque essa situação pode ter influência determinante nos resultados apurados, afigurou-se pertinente a análise dos temas e objectos de investigação eleitos pelos sociólogos e sociólogas para a realização das suas teses de doutoramento. A escolha do domínio temático para uma investigação deste cariz, que encerra, entre outros, objectivos de validação e legitimação científica e que marcará indubitavelmente os investigadores perante a comunidade científica, a sociedade e perante si mesmos, reflecte, pelo menos em boa parte e independentemente das razões, escolhas pessoais racionais que não poderiam deixar de ser consideradas como indicadores da maior importância para esta análise.

Deste modo, para aferir se também na eleição do tema ou objecto das teses de doutoramento dos investigadores portugueses o género se revela uma variável

diferenciadora, foram utilizados os dados da base do GPEARI,¹⁸ da responsabilidade do Observatório da Ciência e do Ensino Superior (OCES-MCTES). Esta base agrega todas as teses de doutoramento efectuadas ou reconhecidas por universidades portuguesas até ao ano de 2006. A pesquisa por teses em sociologia resultou em 366 documentos organizados por autor, título da tese, ano, universidade e local de realização (nacional ou estrangeiro).

No quadro seguinte pode ver-se a evolução dos doutoramentos em sociologia por género e período. Se já se verifica um crescimento significativo de doutoramentos da década de 80 para a década de 90, essa evolução é absolutamente excepcional a partir do ano 2000. Realizaram-se em seis anos 224 doutoramentos em sociologia, o que representa mais de 60% do total de doutoramentos sociológicos existentes.

Quadro 9. Doutoramentos em sociologia por género e período

	1970-1979		1980-1989		1990-1999		2000-2003		2004-2006		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Masculino	6	66,7%	27	73,0%	56	58,3%	53	50,0%	61	51,7%	203	55,5%
Feminino	3	33,3%	10	27,0%	40	41,7%	53	50,0%	57	48,3%	163	44,5%
Total	9	100,0%	37	100,0%	96	100,0%	106	100,0%	118	100,0%	366	100,0%

No que respeita ao género, os dados mostram-nos que, face à totalidade dos doutoramentos em sociologia existentes em Portugal, as mulheres se encontram ainda em desvantagem perante os 56% de doutoramentos masculinos. No entanto, o quadro mostra-nos também que, se até finais da década de 80 os homens reinavam com uma maioria confortável de 73% dos doutoramentos realizados, nos períodos a seguir considerados começam claramente a perder terreno perante a incansável ascensão das mulheres.

Importa nesta altura explicitar, no que se refere à análise dos domínios temáticos dos doutoramentos, que não existindo, na base referida, qualquer informação a este respeito, se revelou necessário o cruzamento destes dados com os constantes das bases bibliográficas das bibliotecas universitárias portuguesas.¹⁹ Este procedimento permitiu

¹⁸ Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais, disponível em: http://www.estatisticas.gpeari.mctes.pt/?id_categoria=35&form=1

¹⁹ Consulta *online* nos *sites* das bibliotecas universitárias portuguesas (ISCTE, Un. dos Açores, Un. do Algarve, Un. de Aveiro, Un. da Beira Interior, Un. de Coimbra, Un. de Évora, Un. de Lisboa, Un. da Madeira, Un. do Minho, Un. Nova de Lisboa, Un. do Porto, Un. de Trás-os-Montes e Alto Douro, Un. Técnica de Lisboa).

uma classificação mais controlada e fidedigna dos domínios temáticos dos doutoramentos, já que na maior parte das bibliotecas universitárias as teses de doutoramento são (também) classificadas por área ou campo temático dominante.

No caso de teses classificadas em mais do que uma área temática, foi seleccionada apenas a área considerada dominante. Importa ainda referir que foram excluídas da análise 21 teses por impossibilidade de classificação temática²⁰ e adicionadas 15 teses de doutoramento realizadas em finais de 2006 e início de 2007 que ainda não constavam da base de dados do GPEARL. Apuraram-se assim para esta análise um total de 359 teses de doutoramento em sociologia. O quadro seguinte apresenta a sua distribuição por género e domínio temático dominante.

²⁰ Não constavam das bases bibliográficas das bibliotecas universitárias.

Quadro 10. Doutoramentos em sociologia por gênero e campo temático

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Teorias, epistemologia e metodologia	3	1,5%	3	1,8%	6	1,7%
Classes, estrutura e mudança social	5	2,6%	1	0,6%	6	1,7%
Pobreza e exclusão social	6	3,1%	2	1,2%	8	2,2%
Política, Estado e cidadania	24	12,4%	11	6,7%	35	9,7%
Educação e aprendizagens	17	8,8%	13	7,9%	30	8,4%
Trabalho, organizações e profissões	27	13,9%	28	17,0%	55	15,3%
Família e gênero	4	2,1%	25	15,2%	29	8,1%
Envelhecimento	2	1,0%	7	4,2%	9	2,5%
Juventude	4	2,1%	0	0,0%	4	1,1%
Infância	1	0,5%	5	3,0%	6	1,7%
Cidade, campo e territórios	12	6,2%	8	4,8%	20	5,6%
Comunicação e mídia	9	4,6%	9	5,5%	18	5,0%
Cultura popular, culta e políticas culturais	11	5,7%	3	1,8%	14	3,9%
Migrações, imigração e etnicidade	10	5,2%	8	4,8%	18	5,0%
Economia e desenvolvimento	14	7,2%	5	3,0%	19	5,3%
Valores, identidades e estilos de vida	4	2,1%	4	2,4%	8	2,2%
Ciência e conhecimento	1	0,5%	4	2,4%	5	1,4%
Inovação	0	0,0%	2	1,2%	2	0,6%
Ambiente	2	1,0%	3	1,8%	5	1,4%
Saúde	4	2,1%	6	3,6%	10	2,8%
Corpo e sexualidade	4	2,1%	4	2,4%	8	2,2%
Literacia	0	0,0%	1	0,6%	1	0,3%
Turismo	2	1,0%	0	0,0%	2	0,6%
Crenças e religião	10	5,2%	2	1,2%	12	3,3%
Drogas e toxicodependências	2	1,0%	2	1,2%	4	1,1%
Direito, delinquência e criminalidade	1	0,5%	0	0,0%	1	0,3%
Desporto e lazer	14	7,2%	8	4,8%	22	6,1%
Modernidade, incerteza e risco	1	0,5%	1	0,6%	2	0,6%
Total	194	100,0%	165	100,0%	359	100,0%

Atendendo, mais uma vez, ao diferente peso de homens e mulheres na amostra, pode-se constatar que as áreas que mais doutoramentos masculinos agregam são a área do *trabalho, organizações e profissões* (13,9%), *política, Estado e cidadania* (12,4%), *educação e aprendizagem* (8,8%), e ainda *economia e desenvolvimento* e *desporto* (ambas com 7,2%). As mulheres reúnem mais teses de doutoramento também na área do *trabalho, organizações e profissões*, que atinge uma proporção de 17% do total de

doutoramentos femininos, *família e género* (15,2%), *educação e aprendizagens* (7,9%) e *política, Estado e cidadania* (6,7%).

Não será decerto por acaso que os doutoramentos masculinos e femininos apresentam os valores mais elevados no mesmo campo temático, já que o *trabalho* e a *profissão* são, com efeito, dimensões da maior importância na vida de qualquer indivíduo independentemente do género. Num país com elevada taxa de emprego feminino não surpreende que também as mulheres, à semelhança dos homens, encontrem neste domínio objectos de estudo que lhes mereçam o maior interesse sociológico.

A área da *política, Estado e cidadania*, apesar de suscitar o interesse partilhado das sociólogas e sociólogos, agrega um pouco mais do dobro de doutoramentos masculinos do que femininos (24 homens para 11 mulheres), ou seja, mesmo considerando o peso diferente de cada género na amostra, os homens realizaram 12,4% das suas investigações de doutoramento nesta área quando apenas 6,7% das mulheres o fizeram.

A área temática da *família e género* continua, à semelhança do que se verificou para as comunicações dos congressos de sociologia e para as referências bibliográficas do programa académico já referido, a ser uma área de eleição para as mulheres, uma vez que também nas teses doutorais a área da *família* representa 15,2% do total de doutoramentos femininos. Os homens registam nesta área apenas 2,1% dos seus doutoramentos.

Os doutoramentos femininos apresentam ainda, apesar de a variação ser mais ligeira, uma proporção teimosamente superior aos doutoramentos dos seus colegas nas áreas de *envelhecimento, infância e saúde*, isto é, nas áreas que, juntamente com *família e género*, parecem fazer parte dos “universos femininos” em tantas outras vertentes da vida social.

Se fizermos um pequeno exercício e agregarmos aos doutoramentos nas áreas da *família* e do *género*, os doutoramentos nas áreas do *envelhecimento* e da *infância*, que roçam perspectivas e análises que não descuram, em muitos casos, as questões familiares, passamos a ter 22,4% das mulheres a realizarem doutoramentos na área global das questões familiares.

O quadro seguinte permite visualizar mais claramente as diferenças que têm vindo a ser evidenciadas. Através da selecção das dez áreas com mais doutoramentos podemos ver em que proporção são mais trabalhadas pelos homens ou pelas mulheres.

Quadro 11. Doutoramentos em sociologia por campo temático e género

	Masculino		Feminino		Total
	N	%	N	%	
Trabalho, organizações e profissões	27	49,1	28	50,9	55
Política, Estado e cidadania	24	68,6	11	31,4	35
Educação e aprendizagens	17	56,7	13	43,3	30
Família e género	4	13,8	25	86,2	29
Desporto e lazer	14	63,6	8	36,4	22
Cidade, campo e territórios	12	60,0	8	40,0	20
Economia e desenvolvimento	14	73,7	5	26,3	19
Comunicação e média	9	50,0	9	50,0	18
Migrações, imigração e etnicidade	10	55,6	8	44,4	18
Cultura popular, culta e políticas culturais	11	78,6	3	21,4	14

A leitura horizontal dos dados confirma-nos a existência de uma diferenciação de género na eleição das áreas ou campos temáticos para a realização dos doutoramentos. As áreas da *política, Estado e cidadania, desporto e lazer e economia e desenvolvimento* apresentam-se, essencialmente, como áreas masculinizadas de estudo, uma vez que mais de dois terços (ou quase dois terços no último caso) das teses de doutoramento nessas áreas foram realizadas por homens (68,6%, 73,7% e 63,6%, respectivamente). Já a área da *família* encerra uma esmagadora maioria de doutoramentos femininos. Do total de teses de doutoramento inscritas nesta área, 86,2% foram realizadas por mulheres e apenas 13,8% por homens.

Pode-se deste modo concluir que a tendência para a selecção, por parte de homens e mulheres, de diferentes áreas temáticas de investigação sociológica se mantém quando se trata da escolha de objectos de investigação para doutoramento.

Importa, por último, salientar a revelação, algo intrigante e merecedora de aprofundada atenção, de que apenas 1,2% dos doutoramentos de autoria feminina se ocupam das questões ligadas às *crenças e religião*, enquanto que os homens se mostram mais benevolentes com esta área, incidindo sobre ela 5,2 % dos seus doutoramentos. De acordo com os resultados do European Social Survey,²¹ e principalmente para os países do Sul da Europa, a *religião* é uma dimensão da vida social a que as mulheres revelam

²¹ Jorge Vala e Anália Torres (orgs.) (2007), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

maior proximidade e atribuem maior importância do que os homens. Apesar de estes resultados se referirem a valores e não a práticas, se aceitarmos que poderá, de alguma forma, existir uma relação entre os interesses de investigação sociológica e as áreas ou temáticas mais próximas do quotidiano dos investigadores, seria expectável que, à semelhança do que acontece com outras áreas de eleição feminina, também a *religião* merecesse a dedicada atenção das investigadoras portuguesas. Devemos, por outro lado, lembrar-nos que muitas mais variáveis entrarão na resolução deste paradoxo, se assim lhe podemos chamar. Será, por exemplo, o caso da classe social, das práticas de socialização, da idade, entre outras. Fica contudo o desafio a investigações futuras.

7. Reflexões finais

Perante os resultados aqui apresentados pode concluir-se, com alguma segurança, pela existência, actualmente, de uma feminização de determinados campos de investigação na produção sociológica portuguesa e, logo, pela diferenciação de género na produção sociológica nacional.

Impõe-se neste momento uma explicação sobre a aparente diferença de resultados obtidos nesta análise e na pesquisa realizada por Ana Nunes de Almeida sobre o lugar das mulheres enquanto sujeitos e objectos da produção sociológica. A autora analisou para o efeito as publicações da revista *Análise Social* entre 1963 e Dezembro de 1985, e não encontrou “relação directa entre a investigação feita por mulheres e a presença de objectos pertencentes aos chamados universos femininos”.²² Concluiu ainda que os temas publicados na revista indicam que as mulheres escreveram sobre os mesmos temas que os homens. Ora, a discrepância entre os resultados encontrados por Ana Nunes de Almeida e os que se apresentam neste artigo resulta, evidentemente, de terem sido analisados diferentes períodos da investigação sociológica portuguesa. Se, até meados da década de 80, o interesse generalizado entre a comunidade sociológica privilegiava os grandes “temas clássicos” da época e não se verificavam, portanto, diferenças de género importantes na produção sociológica nacional, a partir dessa altura, com a adesão maciça das mulheres às ciências sociais e com o surgimento de novos interesses e objectos de análise, o tecido sociológico e o panorama da produção

²² Ana Nunes de Almeida (1986), *op. cit.*, p. 980.

sociológica alteram-se radicalmente. Com efeito, a evolução das sociedades no sentido de uma crescente diferenciação do social e consequente proliferação de novos problemas sociais e, assim, de novos objectos de investigação fazem com que o *género* se afirme cada vez mais como uma variável potencialmente diferenciadora na investigação e produção sociológicas.

Por isso mesmo, e apesar da acrescida possibilidade de dispersão dos interesses sociológicos pela actual panóplia de temáticas de investigação, confirma-se, por um lado, a tendência para uma certa fidelização dos homens aos campos clássicos da sociologia que detêm, aliás, um estatuto relativamente elevado e asseguram uma confortável posição na comunidade sociológica nacional e, por outro lado, uma tendência para as mulheres da sociologia se “apoderarem” dos novos domínios da investigação sociológica, isto é, domínios representativos ou mais próximos do chamado “universo feminino”.

Penso ter conseguido com esta análise atingir o principal objectivo que me propunha: o de trazer a debate a questão da diferenciação de género na produção sociológica portuguesa. Não ambicionava oferecer explicações mas somente averiguar se poderia falar-se da feminização de determinados campos da investigação sociológica e se faria sentido pressupor-se a existência de diferenciação de género na sociologia nacional. Os resultados aqui apresentados carecem portanto de uma análise mais aprofundada que vise a sua explicação e interpretação e que só uma investigação de carácter intensivo poderia revelar.

Seria também, sem dúvida, bastante interessante tentar perceber se à diferenciação de género na produção sociológica nacional corresponde, também, uma discriminação de género, e se os campos sociológicos preferencialmente trabalhados por mulheres serão, de alguma forma, “menos considerados” ou até desvalorizados na e pela comunidade científica. Outra pista de investigação passaria por analisar não só os campos temáticos das teses de doutoramento, mas o conteúdo das mesmas, já que num mesmo campo temático se podem tomar por objecto de investigação variadíssimos problemas sociológicos, ou mesmo adoptar perspectivas de análise diversas perante um mesmo objecto de estudo. Tentar averiguar se homens e mulheres se apropriam de forma diferente de realidades e objectos de análise semelhantes é pois uma sugestão e um desafio que aqui deixo aos leitores.

Referências bibliográficas

- Almeida, Ana Nunes de (1986), “As mulheres e as ciências sociais – os sujeitos e os objectos de investigação”, em *Análise Social*, vol. XXII, nº 94, pp. 979-985.
- Almeida, João Ferreira de (1988), "Discurso de Abertura do 1.º Congresso Português de Sociologia" em *Análise Social*, XXIV (100), pp. 467-474.
- Almeida, João Ferreira de (org.) (1995), *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Amâncio, Lúcia (1995), “O género na ciência”, em Jorge Correia Jesuíno (org.), *A Comunidade Científica Portuguesa nos Finais do Séc. XX – Comportamentos, Atitudes e Expectativas*, Oeiras, Celta Editora.
- Amâncio, Lúcia (2003), “O género no discurso das ciências sociais”, em *Análise Social*, vol. XXXVIII, nº 168, pp. 687-714.
- APS (1990), *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século: Actas do I Congresso Português de Sociologia*, 2 vols., Lisboa, Editorial Fragmentos.
- APS (1993), *Estruturas Sociais e Desenvolvimento: Actas do II Congresso Português de Sociologia*, 2 vols., Lisboa, Editorial Fragmentos.
- APS (1996), *Práticas e Processos da Mudança Social: Actas do III Congresso Português de Sociologia*, Oeiras, Celta Editora (CD-ROM).
- APS (2000), *Sociedade Portuguesa – Passados Recentes, Futuros Próximos: Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, APS (versão disponível em: http://www.aps.pt/index.php?area=001&marea=003&id_pub=PUB460a50b168fd1)
- APS (2004), *Sociedades Contemporâneas – Reflexividade e Acção: Actas do V Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, APS (versão disponível em: http://www.aps.pt/index.php?area=001&marea=003&id_pub=PUB460d42061fd7a)
- Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel – Difusão Editorial, Lda.
- Bourdieu, Pierre, Jean-Claude Chamboredon, e Jean-Claude Passeron (2005), *Le Métier de Sociologue*, Berlim, Monte de Gruyter.
- Casanova, José Luís (1996), “Campo sociológico e publicação – a revista *Sociologia, Problemas e Práticas* (1986-1996)”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 20.
- Fernandes, António Teixeira (1996), “O conhecimento científico-social: elementos para a análise do seu processo em Portugal”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 20.
- Lobo, Cristina (1996), “Os congressos de sociologia em Portugal”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 20.

Machado, Fernando Luís (1996), “Profissionalização dos sociólogos em Portugal – contextos, recomposições e implicações”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 20.

Machado, Fernando Luís (2007), *A Investigação Sociológica em Portugal*, programa da unidade curricular, 1º ano, 1º semestre do curso de doutoramento em sociologia, 2007-2008, Lisboa, ISCTE.

OCS – Observatório da Ciência e do Ensino Superior, *Estatísticas do Ensino Superior*, GPEARI – Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais, Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, disponível em:

<http://www.estatisticas.gpeari.mctes.pt/index.php>

Pinto, José Madureira (2007), *Indagação Científica, Aprendizagens Escolares, Reflexividade Social*, Porto, Edições Afrontamento.

Torres, Anália (2001), *Sociologia do Casamento – A Família e a Questão Feminina*, Oeiras, Celta Editora.

Torres, Anália, e Rui Brites (2007), “Atitudes e valores dos europeus: a perspectiva do género numa análise transversal”, em Jorge Vala e Anália Torres (orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Bases bibliográficas universitárias

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa: <http://biblioteca.iscte.pt/>

Universidade dos Açores, Depto. História, Filosofia e Ciências Sociais:

<http://www2.uac.pt/>

Universidade do Algarve: <http://www.bib.ualg.pt/bibliotecas/>

Universidade de Aveiro: <http://www.doc.ua.pt/>

Universidade da Beira Interior: <http://www.ubi.pt/biblioteca/biblio.php>

Universidade de Coimbra: <http://mil.bg.uc.pt/>

Universidade de Évora: <http://www.bib.uevora.pt/webroot/catalogo/>

Universidade de Lisboa: <http://ulisses.sibul.ul.pt/ulisses/portal/html/index.htm>

Universidade da Madeira:

http://aleph.uma.pt/F/?func=find-b-0&file_name=find-b&con_lng=POR

Universidade do Minho: <http://www.sdum.uminho.pt/>

Universidade Nova de Lisboa: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/bibliotecas.asp>

Universidade do Porto:

<http://sdi.letras.up.pt/default.aspx?pg=8catalogos.ascx&m=8&s=8>

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: <http://biblioserver.bib.utad.pt/pacweb/>

Universidade Técnica de Lisboa: <http://thesaurus.reitoria.utl.pt/>